

Produzir e disseminar ciência a partir do Sul Global

Producing and disseminating science from the Global South

Producir y difundir ciencia desde el Sur Global

Christovam Barcellos^{1,a}

Editor científico da Reciis

christovam.barcellos@fiocruz.br | <https://orcid.org/0000-0002-1161-2753>

Kizi Mendonça de Araújo^{2,b}

Editora científica da Reciis

kizi.araujo@icict.fiocruz.br | <https://orcid.org/0000-0002-9378-3299>

Igor Sacramento^{3,c}

Editor científico da Reciis

igor.sacramento@icict.fiocruz.br | <https://orcid.org/0000-0003-1509-4778>

¹ Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Laboratório de Informação em Saúde. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Laboratório de Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

³ Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Laboratório de Comunicação e Saúde. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^a Doutorado em Geociências pela Universidade Federal Fluminense.

^b Doutorado em Ciências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

^c Doutorado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Comunicação científica; Decolonização do conhecimento; Sul Global; Gestão editorial; Reciis.

Keywords: Scientific communication; Decolonization of knowledge; Global South; Editorial management; Reciis.

Palabras clave: Comunicación científica; Descolonización del conocimiento; Sur Global; Gestión editorial; Reciis.

A crítica à hegemonia dos países centrais e ocidentais na ciência tem sido uma questão emergente na academia e fora dela, num movimento conhecido como decolonial, descolonizador, alternativo, emancipatório ou contra hegemônico. Essa hegemonia se expressa tanto no estabelecimento de prioridades de pesquisa, quanto no uso de conceitos e metodologias aplicadas aos estudos. A capacidade de produzir conhecimento a partir do Sul Global é minada por diversas formas de dominação, desde a indução de projetos direcionados a agendas dos países centrais por meio de financiamento estrangeiro, até a fase de avaliação de relatórios e artigos produzidos por pesquisadores, que afrontam princípios epistemológicos estabelecidos por revistas internacionais. Nesses artigos, muitos pesquisadores brasileiros têm enormes dificuldades em explicar fenômenos sociais prevalentes no país, que envolvem valores, crenças e comportamentos de povos

considerados “subalternos”. Como explicar a um editor o sentido das celebrações de carnaval e outras festas populares em lugares tão pobres e conservadores? Como descrever resultados de pesquisas que mostram a adoção de normas comportamentais próprias, em paralelo à regulação do Estado, em enclaves urbanos como as favelas ou em comunidades rurais tradicionais? Nesse sentido, a perspectiva decolonial também é colocada como uma medida contra o folclorismo, que reduz a cultura popular a meras curiosidades sobre povos estranhos ao circuito acadêmico dominante (Mignolo; Veiga, 2021).

Não há dúvidas de que o perfil de saúde dos países do Sul difere do Norte. Da mesma maneira, os chamados “fatores de risco”, considerados como universais na pesquisa médica internacional, podem ter pesos e sinais diferentes dependendo do contexto social e ambiental em que se produzem os problemas de saúde (Sevalho, 2021). O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), aplicado universalmente para medir o “desenvolvimento humano” equipara grupos indígenas a populações miseráveis urbanas, ambas com baixa “escolaridade” e renda (Barcellos, 2008). Igualmente, as categorias analíticas criadas em países centrais podem não se aplicar a realidades latino-americanas. Um exemplo é a criação, na era colonial, de uma taxonomia racial baseada em cores e origens, amplamente contestada, mesmo nos Estados Unidos da América, assim como categorias binárias de sexo, cor, classe e sexualidade, que foram consagradas em estudos epidemiológicos e apagam interseções e modos de vida alternativos que escapam dos grandes esquemas da modernidade (Lugones, 2014).

Essa ciência colonialista ou hegemônica tem como referência métodos científicos dominantes, que foram moldados segundo as perspectivas e interesses dos países do Norte Global, muitas vezes ignorando as realidades, experiências e saberes do Sul Global. Segundo Pinto e Mignolo (2015), a decolonialidade “abrange não apenas os movimentos de transformação das ex-colônias europeias em estados-nações independentes – descolonização –, como também os esforços de desligamento ou desengajamento subjetivo, epistêmico, econômico e político” (p. 384). A crítica decolonial questiona a imposição de padrões culturais ocidentais como normativos e universais, que muitas vezes ignoram a historicidade e a complexidade das experiências locais e perpetuam relações de subordinação. Como contraponto, com a crítica decolonial é proposto uma abordagem reflexiva, que reconheça as múltiplas formas de conhecimento e os sistemas de valores presentes em diferentes contextos culturais.

Para superar essa dinâmica e promover uma ciência inclusiva, o Sul Global deve estabelecer seus próprios princípios epistemológicos. Isso inclui esforços de contextualização, isto é, o reconhecimento, o respeito e a valorização dos conhecimentos e práticas tradicionais locais; o engajamento das comunidades locais no processo de pesquisa, desde a identificação dos problemas de saúde até o desenvolvimento e implementação de intervenções; a priorização de abordagens de pesquisa que considerem as profundas desigualdades sociais e econômicas nesse Sul Global, bem como as suas formas de manutenção – o que inclui o racismo e o sexismo – e o reconhecimento da pluralidade de fontes de conhecimento e perspectivas no diálogo científico.

Esses princípios epistemológicos podem ajudar a construir uma ciência mais inclusiva, contextualizada e relevante para os países do Sul Global, permitindo o distanciamento crítico de uma abordagem colonial da ciência e promovendo uma pesquisa autêntica e emancipatória, embasada nas próprias realidades e necessidades do Sul Global.

Essas medidas incluem também uma maior ênfase nos ambientes tropicais, fatidicamente coincidentes com o desenho do Sul Global, ou periferia do mundo. Não por acaso, as doenças negligenciadas são quase na sua totalidade prevalentes no sul tropical, onde há menor capacidade de investimento em pesquisa e desenvolvimento de insumos para o seu controle. Além disso, os trópicos abrigam grande parte dos povos tradicionais com suas cosmopercepções, que refletem a maneira com a qual se enxergam no mundo. Nesse sentido, a própria noção de desenvolvimento é colocada em xeque, como um projeto colonial

e uniformizante. Dentre as vozes que vêm se opondo a estas perspectivas homogeneizantes e redutoras encontram-se pensadores das Américas, desde José Martí (1983) a Ailton Krenak (2019), e da África, como Achille Mbembe (2018). Também se levantam vozes orientais, como Byung-Chul Han (2015) que traz uma perspectiva igualmente crítica a partir da periferia do núcleo capitalista, que produz a autoexploração do trabalho, o esgotamento físico, emocional e neuronal.

Certamente, os autores clássicos ocidentais desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento teórico mundial. Suas contribuições fornecem bases conceituais e metodológicas que continuam a influenciar o pensamento e a pesquisa contemporâneos. Ignorar completamente essas contribuições, que foram também tecidas em movimentos contra hegemônicos, seria um equívoco. Não se pode negar que Charles Darwin, Sigmund Freud e Karl Marx, por exemplo, desenvolveram suas teses em meio a terríveis resistências das oligarquias europeias, que dominavam as academias e as associações de classe. Criticar à hegemonia dos autores clássicos das ciências sociais não significa descartar seus trabalhos, mas sim questionar suas suposições, seus preconceitos e suas limitações, bem como desenvolver novas abordagens que integrem tanto essas teorias, quanto o conhecimento produzido e mantido por povos da periferia do mundo acadêmico.

Essas contribuições são ainda valiosas e é preciso reavaliar criticamente essas teorias, estabelecidas à luz de diferentes contextos e perspectivas, a partir das questões atuais da periferia para garantir a contextualização de fenômenos sociais e ambientais, no qual certamente se inclui a Saúde Coletiva. Da mesma maneira, não se pode conferir automaticamente títulos como “decoloniais” ou “emancipadores” a qualquer pesquisador ou estudioso por apenas habitar ou produzir conhecimento nos países do Sul Global. O compromisso com a ciência engajada com as comunidades, a luta por justiça social e o respeito ao conhecimento dos povos antes subalternos são o que diferenciam essa renovada abordagem descolonializante.

Reconhecemos que os desafios para a ruptura da ideia de uma monocultura do conhecimento e da hegemonia do pensamento ocidental na ciência são inúmeros, mas esse caminho precisa ser trilhado. Nesse sentido, os periódicos científicos, principalmente os do Sul Global, desempenham um importante papel para a construção de uma ciência mais multicultural, multiepistemológica e plural. Dessa forma, a Reciis pretende atuar como veículo de disseminação do conhecimento **de e para** o Sul Global, por meio da publicação de textos que promovam a reflexão crítica do mundo em que vivemos e onde atuamos para compreender os problemas de saúde na sua complexidade, atualidade e contextualidade.

Desde a sua primeira edição até 2023, a Reciis publicou 1.088 textos de autores de 29 países, sendo predominante a presença de autores afiliados a instituições brasileiras. Dos 160 autores publicados com afiliação estrangeira, 28 são de instituições latino-americanas e nenhum de instituição africana. A revista se tornou multilíngue, aceitando textos em português, inglês, espanhol e francês como forma de estimular a disseminação do conhecimento e o diálogo entre os povos. A publicação de 475 textos em língua estrangeira tem permitido a inversão do fluxo usual de troca de conhecimento do Norte para o Sul, assim, promovendo redes de troca Sul-Sul. Além da tradução, outras estratégias vêm sendo pensadas pela equipe editorial com o objetivo de estimular a submissão de textos por parte de autores de países da América Latina e da África, a maior participação de pareceristas do Sul Global e a produção de dossiês temáticos que favoreçam as perspectivas decoloniais.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Christovam. **A geografia e o contexto dos problemas de saúde**. Rio de Janeiro: Abrasco, 2008.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqznb#>. Acesso em: 24 jun. 2024.

MARTÍ, José. **Nossa América**. São Paulo: Hucitec, 1983.

MIGNOLO, Walter; VEIGA, Isabella Brussolo. Desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial. **Revista X**, Curitiba, v. 16, n. 1, 24-53, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v16i1.78142>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/78142>. Acesso em: 24 jun. 2024.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

PINTO, Júlio Roberto de Souza; MIGNOLO, Walter D. A modernidade é de fato universal?: Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, 381-402, 2015. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2015.3.20580>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/qqRR8D8df5RKQN9bLmQjFmn/?lang=pt#>. Acesso em: 24 jun. 2024.

SEVALHO, Gil. A colonização do saber epidemiológico: uma leitura decolonial da contemporaneidade da pandemia de covid-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 5629-5638, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.10442021>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/wRb5ygRZSXX7RKxVRMmHSLp/>. Acesso em: 24 jun. 2024.